

Oi, Marcela, tudo bem ? Estou aqui, no final do prazo que Diogo me deu, sentando para te escrever alguma coisa. Tenho duas filhas, de 12 e 9 anos, e a menor trouxe 3 amigas para dormir aqui em casa. Então escrevo tomando um vinhozinho e ouvindo a bagunça delas. Paro para fazer um macarrão, comemos. Depois de um tempo, temos que decidir se dormem no quarto ou na sala. Os vizinhos tem dois filhos também, em idades parecidas. Tem uma hora em que as portas se abrem, vão meninas para lá, vem meninos para cá. Hoje passei algumas hora na praia.

Adorei o texto, foi ótimo passar por ele, e depois repassar. De verdade.

O começo com o bolo, parece um assunto trivial, é boa a sensação de um assunto trivial como que distraindo a gente do que talvez venha por aí, alguma coisa que faz parte da vida e que desvela uma outra coisa, que é a coisa da qual queremos falar. Mas aí vem a sensação de que, não, o bolo não é um assunto paralelo, o bolo é muita coisa, ele traz nele a imagem da coisa derretendo, desmoronando, e do braço esticado que não alcança alguma coisa que deveria ter sido alcançada, e mesmo o bolo

Em cima do prédio de muitos andares estão aqueles dois bonecos não comestíveis do bolo, duros e coloridos. Eu pularia contigo se você tivesse alcançado a coragem... Outra vez um braço seu que não alcança. Dedos. Quanta incapacidade a nossa, eu acho! ----

Não tenho jeito de não pensar no prédio onde vivia GH, a de Clarice:

A recuperação seria saber que: GH era uma mulher que vivia bem, vivia bem, vivia bem, vivia na super-camada das areias do mundo, e as areias nunca haviam derrocado de debaixo de seus pés: a sintonização era tal que, à medida que as areias se moviam, os pés se moviam em conjunto com elas, e então tudo era firme e compacto. GH vivia no último andar de uma superestrutura, e, mesmo construído no ar, era um edifício sólido, ela própria no ar, assim como as abelhas tecem a vida no ar. E isto havia séculos vinha acontecendo, com as variantes necessárias ou casuais, e deva certo. Dava certo – pelo menos nada falou e ninguém falou, ninguém disse que não; era certo, pois.

A costura é muito bonita dos movimentos vários para baixo, de queda, desmoronamento, derretimento, seja bolo, pedaço de bolo, casamento, world trade center, sejam as chamas de estrelas sobre os palhaços na toalha de mesa. Aliás, se o GH foi uma lembrança imediata, a minha cena da casa em chamas do Espelho foi o 11 de setembro. É uma memória desse jeito da sua peça, que não é de saber da exatidão da relação com a lembrança, mas da inevitabilidade de não acessar essa memória, tão para baixo e impressionante, tão concreta e contundente. Eu peguei um metrô no Brooklyn e já no caminho o motoneiro lá falou no microfone que tinha um incêndio o world trade center, e que talvez houvesse tráfego na chegada em manhatan. Na parte em que o metrô vai para a superfície, deu para ver o desenho da fumaça escura contra um céu muito azul. Quando saltei na estação, fui andando na direção sul, onde ficavam os prédios, e cruzei com todas as pessoas que se afastavam da região, muitas delas com cinzas no corpo e na cabeça. Acho que eu era a única pessoa andando na direção oposta. Chegando lá, subi para a sala onde supostamente teria uma aula, e, claro, os alunos estavam sentados em roda, tensos, tentando entender o que estava acontecendo, e não sei quanto de informação eles tinham naquele momento. Entrou alguém para dizer que uma das torres tinha 'partially collapsed'...

Os tracinhos depois de "já escolhi o glacê e estou em paz agora" me lembra tanto o início da GH quanto um dos curta metragens realizados a partir do 11/9, acho que do Iñarritú, que mostra trechos curtos dos corpos caindo do prédio (a rubrica 'qual som possível?' participa desse mesmo enredo/momento).

Depois de descermos para rua, ficamos alguns ao lado de um carro que mantinha a porta aberta para nos deixar ouvir o rádio que falava dos vários aviões sequestrados. Enquanto isso, olhávamos os prédios e percebíamos a fumaça que cobria a falta do prédio que caíra se afastar e revelar aquele vazio impossível. Era trabalhoso imaginar a materialidade de um prédio de mais de cem andares desabando em grande parte, e isso estar acontecendo diante dos seus olhos. Enquanto olhava o acontecimento, o prédio que ainda estava de pé desmilinguiu para dentro dele mesmo, para baixo.

O fim do casamento também é uma imagem para mim no *IN ON IT*, peça que montei há 8 anos. O personagem fala da morte do companheiro, e também do fim do casamento:

Não é como uma vela – não é como uma brisa curta e rápida ou um e um brilho que se apaga devagar e, depois, fumaça. É súbito. E não deixa traços. Só um vazio inominável – um nome daria muito peso – causado por algo que de repente se apaga e não deixa nada pra trás. Nada, nem mesmo um nada pra sustentar o nada.

(o *IN ON IT* também me veio à mente na saída de carro em que toca Nina Simone...)

Fico passeando por essas plagas por onde o seu texto me jogou, um pouco porque é isso mesmo, um pouco porque não me vejo fazendo o papel de um analista de textos, um comentário crítico talvez útil para sua escrita. Mas posso dizer que gosto demais do estado que o texto nos deixa, de como ele não diz tudo, de como ele esconde os links que esclareceriam a coisa toda, sem se enroscar por outro lado em um tipo de maneirismo que nos afastaria. A corredeira do texto, a própria matéria dele tem uma qualidade concreta que nos suporta, que nos encaminha, e solta pistas gostosas na sua esteira. As letras do estacionamento são deliciosas, índices que servem para a situação e para a literatura (aliás, acho o texto ótimo, mas o li com literatura, em situação de literatura, e me agradou desse jeito, nem sei como será isso posto em cena, se vai ter essa justeza que no papel me parece clara, acredito que sim, mas é instigante a literatura com contornos de cena...).

Tive medo de seus tambores graves.

Foi um prazer ler seu texto, obrigado !

A handwritten signature in dark ink, consisting of a stylized, flowing script that appears to be a name followed by a surname, possibly 'Luis R'.